

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
MBA EM GESTÃO E PRODUÇÃO DE RÁDIO E TELEVISÃO

NATÁLIA DA SILVA MORITZ

**COMO A CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS PSICOPATAS, NA TV
E NO CINEMA, OS TORNA ATRAENTES AO PÚBLICO**

CURITIBA

2015

NATÁLIA DA SILVA MORITZ

**COMO A CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS PSICOPATAS, NA TV
E NO CINEMA, OS TORNA ATRAENTES AO PÚBLICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
MBA em Gestão e Produção de Rádio e TV, da
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, da
Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito
para obtenção do grau especialista.
Orientadora: Prof.^a Patricia Leal de Brum

CURITIBA

2015

COMO A CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS PSICOPATAS, NA TV E NO CINEMA, OS TORNA ATRAENTES AO PÚBLICO

Natália da Silva Moritz

RESUMO: Apesar de terem um padrão de comportamento conflitante com os valores comuns da sociedade, alguns personagens da TV e do cinema acabam ganhando o gosto de seus telespectadores, por terem histórias bem contadas e conflitos bem delimitados. No caso dos personagens abordados neste artigo, a presença de traços de psicopatia fica clara em suas ações e motivações, pois todos acabam demonstrando frieza e capacidade de manipulação, sempre em benefício próprio. A construção destes personagens possibilita ao telespectador sair de sua zona de conforto moral e vivenciar, como um cúmplice, seus crimes e comportamentos inaceitáveis, ao ser envolvido por tramas bem escritas, motivações convincentes e personagens profundos.

Palavras-chave: Construção de personagem, Psicopatia, Assassino em série, Cinema, Roteiro, Televisão.

INTRODUÇÃO

No dia a dia, diferentes casos de violência e assassinatos são mostrados na mídia, chocando grande parte da sociedade.

Monstros é um dos termos mais comuns para se referir a criminosos. Nos textos e discursos que narram histórias de crimes hediondos, lá estão as manchetes: monstros, assassinos, psicopatas. São discursos em que a perversidade humana só está presente em crimes violentos e bárbaros. (CASTRO, 2013, p. 11).

Porém, quando se trata de assistir ficção, muitas pessoas são apaixonadas por personagens que têm justamente a violência e o homicídio como suas características principais. Alguns matam por prazer, outros por uma necessidade interior inexplicável. Alguns têm uma história de vida conturbada, numa busca por justificar seu comportamento, outros são retratados como genuinamente cruéis. E, apesar desses personagens serem cruéis e desprovidos de sentimentos, quando retratados na TV e no cinema se tornam ídolos, talvez por serem vistos como estereótipos distantes da realidade:

(...) o cinema exerce muita influência no cotidiano das pessoas, uma vez que apresentam, muitas vezes, versões romantizadas dos psicopatas, levando o público a crer que esses indivíduos não pertencem ao convívio comum da sociedade, pois, nos filmes, tais personagens são encarados como monstros, marginais assassinos ou bruxos. (CASTRO, 2013, p.12).

Este artigo tem como objetivo analisar três personagens psicopatas da televisão e do cinema, sua profundidade e complexidade, segundo os conceitos de roteiro e de construção de personagem, abordados por Field (2001) e Hauge (2015), para entender o que os torna interessantes para o público.

Os personagens Dexter Morgan (Dexter), Eduardo Borges (Dupla Identidade) e Norman Bates (Psicose) foram escolhidos por apresentarem alguns dos traços de psicopatia descritos por Hare (2009) e Souza (2008), como falta de empatia pelo próximo, alta capacidade de manipulação, a vida baseada em mentiras e a incapacidade de sentir remorso.

Em primeiro lugar, serão abordadas as características comumente encontradas em psicopatas. Em seguida, o foco do estudo estará na construção de personagens para televisão e cinema, nas características necessárias para que eles se tornem verossímeis e interessantes. Para fechar a primeira parte, será feita uma breve apresentação de cada personagem estudado, introduzindo o leitor a cada um desses renomados assassinos da ficção.

A partir da apresentação desses aspectos, será feita uma análise dos personagens em relação às características de um psicopata e de um personagem bem construído, para que se chegue à conclusão do que os torna psicopatas e, quais as características os tornam complexos, bem construídos, verossímeis e profundos.

Psicopatas: quem são e como identificar

O psicopata é como o gato, que não pensa no que o rato sente... A vantagem do rato sobre as vítimas do psicopata é que ele sempre sabe quem é o gato. (HARE, 2009, p.17).

O psicólogo canadense Robert Hare era recém-formado, quando começou a trabalhar em uma prisão de segurança máxima. O trabalho com os detentos o fez questionar "o motivo pelo qual, em alguns seres humanos, a punição não tem efeito" (HARE, 2009, p. 17). A partir daí, seu trabalho foi cada vez mais fundo nas mentes

de pessoas com um transtorno de personalidade conhecido popularmente como psicopatia.

“Além de psicopatas, eles também recebem as denominações de sociopatas, personalidades dissociadas, personalidades amorais, entre outras” (SILVA, 2008, p.13). A psiquiatra brasileira Ana Beatriz Silva (2008) admite que, para muitos estudiosos, os termos são diferenciados:

Alguns utilizam a palavra sociopata, por pensarem que fatores sociais desfavoráveis sejam capazes de causar o problema. Outras correntes, que acreditam que os fatores genéticos, biológicos e psicológicos estejam envolvidos na origem do transtorno, adotam o termo psicopata. (SILVA, 2008, p.32)

Tanto Hare (2009) quanto Silva (2008) utilizam o termo “psicopatia” de uma forma geral, então esse será o termo usado neste artigo.

Para explicar a psicopatia, Silva (2008) considera que as pessoas ditas “do bem” têm uma consciência genuína, que as faz sentir conectadas às outras pessoas e experimentar sentimentos altruístas, emoções ao ver um ato grandioso ou simplesmente a possibilidade de se colocar no lugar do outro, de entender como o outro se sente, o que as torna capazes de buscar um mundo melhor. Para a autora, os psicopatas são seres humanos que não possuem essa consciência. Eles têm instinto de sobrevivência, entendem o que a sociedade vê como certo e errado, mas não sentem isso da mesma forma.

(...) o psicopata pode até saber que determinada conduta é condenável, mas, em seu âmago, ele não percebe quão errado é quebrar aquela regra. Ele também entende que os outros podem pensar que ele é diferente e que isso é um problema, mas não se importa. (HARE, 2009, p.20)

A origem do transtorno é fonte de grande discussão na literatura que envolve o assunto.

A palavra psicopata literalmente significa doença da mente (do grego, psyche = mente; e pathos = doença). No entanto, em termos médicos-psiquiátricos, a psicopatia não se encaixa na visão tradicional das doenças mentais. Esses indivíduos não são considerados loucos, nem apresentam qualquer tipo de delírios ou alucinações (como a esquizofrenia) e tampouco apresentam intenso sofrimento mental (como a depressão ou o pânico, por exemplo). (SILVA, 2008, p.33).

Na década de 1960, Hare (2009) fez parte de um grupo de pesquisadores que estudou um grupo de psicopatas, analisando suas reações em relação a situações que costumam produzir efeitos sobre o sistema nervoso autônomo. A conclusão do estudo é que “existem diferenças cerebrais entre psicopatas e não-psicopatas. Pouco a pouco, essas diferenças vêm sendo mapeadas” (HARE, 2009, p.20). Para o autor, apesar dessa diferença na estrutura do cérebro, ninguém nasce psicopata, mas sim com uma tendência à psicopatia. O ambiente e o tratamento dado pelos pais podem interferir positiva ou negativamente no desenvolvimento do transtorno, porém a genética sempre será mais forte. “O que um ambiente com influências positivas proporciona é um melhor gerenciamento dos riscos” (HARE, 2009, p.20).

Quando se retrata um psicopata na TV e no Cinema, normalmente a violência é justificada com algum trauma de infância, o que, para Silva (2008), é uma tentativa de dar um pouco de humanidade ao personagem, fazendo com que o público sinta empatia. Em duplaidentidade.doc, a psiquiatra forense Hilda Morana declara que a psicopatia não vem de traumas, pois “o psicopata não tem nada de emocional. É um defeito cerebral, não é porque foi abusado na infância... O psicopata mata porque ele tem uma tendência genética para isso” (MORANA, Hilda, 2014, ep.2). O doutor em neurociências Ricardo de Oliveira complementa: “quando a gente diz dos maus tratos da criança, que é um fator de risco para a psicopatia, frequentemente esses maus tratos são perpetrados por, pelo menos, um dos pais, que também é um psicopata” (OLIVEIRA, Ricardo, 2014, ep.2).

A psicopatia pode ter variados níveis e, é composta por comportamentos baseados, unicamente, na busca por realização ou prazer do praticante.

Os psicopatas apresentam comportamentos que podem ser classificados de perversos, mas que, na maioria dos casos, têm por finalidade apenas tornar as coisas mais fáceis para eles – e não importa se isso vai causar prejuízo ou tristeza para alguém. (HARE, 2009, p.20)

É importante ressaltar que os psicopatas possuem níveis variados de gravidade: leve, moderado e severo. Os primeiros se dedicam a trapacear, aplicar golpes e pequenos roubos, mas provavelmente não “sujarão as mãos de sangue” ou matarão suas vítimas. (SILVA, 2008 p.13)

A proporção de psicopatas mais graves, com instinto homicida e que sentem prazer através da dor do outro, é muito pequena se comparada à incidência geral do

distúrbio. Segundo Hare (2009), os psicopatas representam 1% da população mundial e 90% dos *serial killers* são psicopatas. Porém, entre os psicopatas, o número de *serial killers* é praticamente insignificante. É importante ressaltar que os dois termos são independentes e distintos: “*serial killer* é uma definição de comportamento criminoso e não de diagnóstico psiquiátrico” (CASOY, Ilana, 2014, ep.2). A criminóloga também ressalta as características que fazem um criminoso ser considerado um *serial killer*: mais de duas vítimas, mortas em um determinado ritual, com um espaço de tempo entre os crimes.

Para classificar a gravidade, ou os níveis de psicopatia, Hare (1991) criou uma escala, na qual são analisados diversos pontos da personalidade, comuns aos psicopatas, como egocentrismo, comportamento mentiroso, capacidade de manipulação, sede por adrenalina, impulsividade, falta de culpa, etc.

O conceito de psicopatia de HARE (1991) refere-se mais aos traços de personalidade, à maneira como se relaciona com os outros e às características afetivo-emocionais do que às condutas antissociais. Ou seja, este instrumento prioriza a análise da estrutura da personalidade, sem deixar de relacionar a conduta explícita do sujeito examinado. (MORANA, 2003. p.41)

Segundo Morana (2003), a escala não permite um diagnóstico, mas uma análise de personalidade e de conduta que permitem identificar traços típicos de psicopatia. A autora ressalta também que os traços analisados não se modificam durante a vida do sujeito, nem são influenciadas pela cultura ou grau de instrução. (MORANA, 2003). A escala é utilizada através de um entrevista semi-estruturada, na qual 20 pontos são analisados e pontuados de 0 a 2 pontos, cada. “O escore total pode ir de 0 a 40, sendo que 15 a 20% dos criminosos têm um escore de pelo menos 25, valor utilizado para ponto de corte...” (MORANA, 2003, p.43).

As características enumeradas por Hare (1991) são:

Loquacidade / Encanto superficial – Sempre sabem o que dizer, não apresenta traços de timidez, fala bem e com agilidade. É bem articulado e conquista os outros através da conversa.

Egocentrismo – Se consideram superiores, têm uma opinião sobre tudo e se gabam de suas habilidades. Confiantes e arrogantes, acham que suas ideias são as mais valiosas.

Necessidade de estímulo / Tendência ao tédio – Procuram estar sempre fazendo coisas novas e diferentes, sempre procurando excitação e entretenimento.

Mentira patológica – Mentem extremamente bem, mesmo quando sabem que há uma grande chance de serem descobertos. Sentem orgulho de sua capacidade de enganar.

Manipulação – Enganam e manipulam em buscar de ganho próprio, sem se importar com os sentimentos de suas vítimas.

Falta de remorso ou culpa – Não apresentam emoções ou preocupação pela dor ou sofrimento alheios.

Afeição superficial – Pobreza emocional ou sentimentos muito rasos. Frieza para com os outros, apesar de parecerem amigáveis.

Insensibilidade / Falta de empatia – Não conseguem se colocar no lugar do próximo. Tendem a ser desdenhosos, indiferentes e indelicados.

Estilo parasitário de viver – Manipulam e exploram, intencionalmente, os outros, para ganho financeiro. Tem pouca ou nenhuma motivação, disciplina e responsabilidade para ganhar o próprio sustento.

Falta de controle comportamental – Podem se irritar e tornar agressivos de repente, com acessos de raiva e reações desproporcionais quando são contrariados.

Comportamento sexual promíscuo – Podem ter muitos parceiros, inclusive quando são casados, e manter mais de um relacionamento ao mesmo tempo. Escolhem parceiros indiscriminadamente e têm orgulho em discutir seus feitos sexuais.

Problemas de conduta precoce – Normalmente há um histórico de conduta antissocial, já na adolescência, que pode incluir mentiras, roubos, trapaças, vandalismo, atividade sexual, uso de drogas, vadiagem, incêndios e fugas de casa. Em alguns casos, crueldade com animais e irmãos.

Falta de metas realistas a longo prazo – Apesar de criarem planos a longo prazo, não têm a capacidade ou a persistência para realizarem metas de longo prazo. Podem flutuar de um lado para o outro, sem direção certa na vida.

Impulsividade – Muitos de seus comportamentos são improvisados, sem planejamento. Parecem incapazes de resistir a impulsos ou ter que esperar por gratificações. Agem sem pensar nas consequências.

Irresponsabilidade – Falham repetidamente em honrar compromissos e obrigações, na escola, no trabalho, em família ou em sua vida social. Não aparecem quando marcam um compromisso, deixam de pagar contas, não honram contratos.

Incapacidade de aceitar a responsabilidade pelos seus atos – Fazem parecer que a culpa nunca é deles. Têm pouco ou nenhum senso de conduta e, frequentemente, negam suas responsabilidades. Manipulam outros enquanto negam sua culpa.

Muitos relacionamentos sérios de curta duração – Incapacidade de manter um relacionamento de longo prazo, pois não são confiáveis ou consistentes.

Delinquência juvenil – Problemas comportamentais na faixa dos 13 aos 18 anos. Comportamentos típicos de criminosos, ou claramente manipulativos, agressivos ou insensíveis.

Revogação da liberdade condicional – Costumam ter sua liberdade condicional suspensa, por razões técnicas, como não comparecer ou não cumprir as regras.

Versatilidade criminal – Diferente de outros criminosos, que costumam se especializar em um determinado tipo de delito, costumam participar de diferentes atividades criminais e se orgulham de não serem pegos.

Por se tratar de um artigo na área de Comunicação e não de Psicologia ou Medicina, é preciso esclarecer que as características de personalidade enumeradas aqui servirão apenas como uma base para analisar a construção dos personagens em relação à sua psicopatia.

A construção do personagem no roteiro de Cinema e Televisão

Antes de abordar as características dos personagens a serem analisados, é preciso entender o que os torna profundos, o que os faz cativar o público e torna possível uma relação emocional entre personagem e público. “O personagem é o fundamento essencial de seu roteiro. É o coração, alma e sistema nervoso de sua história. Antes de colocar uma palavra no papel, você tem que conhecer o seu personagem” (FIELD, 2001, p.27).

Para Field (2001), o primeiro passo para se escrever um roteiro é decidir um assunto, do que trata a história. E o assunto é composto basicamente por dois elementos: personagem e ação. A ação é classificada em dois tipos: física e

emocional. A ação física é a ação propriamente dita, como uma perseguição, um ritual, uma caminhada. A ação emocional diz respeito ao que acontece dentro do personagem durante a história (FIELD, 2001, p.15).

Para Hauge (2015), a base de um bom roteiro se dá em uma estrutura de pirâmide:

Personagem, desejo, conflito e coragem estão nos quatro cantos da base da estrutura; eles formam a fundação que apoiará tudo aquilo que acontece no filme. O cume da pirâmide representa seu principal objetivo: emoção. (HAUGE, 2015, p.1)

Esses quatro elementos são fundamentais para causar o envolvimento emocional da audiência. Para isso, é necessário que se estabeleça um herói tridimensional, com quem o público possa se envolver e se preocupar. “As próprias fraquezas do herói, medos, inseguranças, ciúme, ignorância e falta de autoestima multiplicarão os obstáculos a serem enfrentados, e envolverão o leitor mais profundamente na história” (HAUGE, 2015, p.4).

O desejo, citado por Hauge (2015), é chamado por Field (2001) de necessidade dramática. Os dois autores concordam que, para levar a história adiante, o personagem precisa de uma motivação que o impulse a agir. Para Field (2001), “a necessidade de seu personagem lhe dá uma meta, uma destinação, um fim para a sua história” (FIELD, 2001, p.25). Segundo Hauge (2015), “quanto mais interessante, arrebatador e desesperado o desejo, mais envolverá a plateia” (HAUGE, 2015, p.2).

Para construir um personagem com motivações reais e ações justificadas, Field (2001) separa sua vida em interior e exterior. A vida interior é a biografia do personagem, tudo que aconteceu com ele até o início do filme, é a sua formação como indivíduo. A vida exterior é tudo aquilo que acontece, do início do filme até a conclusão da história, é onde está a combinação de necessidade e ação. É o processo de revelação do personagem para o público. Field (2001) ainda separa a vida do personagem em três aspectos: profissional, pessoal ou social e privado. O aspecto profissional diz respeito à relação dele com seu trabalho e com as pessoas ligadas a ele. O pessoal ou social define sua relação com família e amigos, se é casado, fiel, feliz no casamento, sociável, etc. E, por último, o aspecto privado se relaciona com o íntimo do personagem, seus hobbies, gostos e o que faz quando

está sozinho. Todos esses aspectos ajudam a determinar, também, o ponto de vista do personagem, o contexto em que ele vive. “Todos temos um ponto de vista – certifique-se de que seus personagens tenham pontos de vista individuais e específicos. Crie o contexto e o conteúdo surge” (FIELD, 2001, p.36).

Além de um ponto de vista, para que o personagem se torne alguém verossímil, é necessário que ele tenha personalidade, atitude e um comportamento que faça parte de sua essência: “Tudo emana da biografia do personagem; do passado de seu personagem surge um ponto de vista, uma personalidade, uma atitude, comportamento, uma necessidade e propósito.” (FIELD, 2001, p.40).

Field (2001) e Hauge (2015) concordam que, para ter um personagem bem construído, é preciso definir as características de personalidade e comportamento, como por exemplo, se ele é otimista ou pessimista, animado ou triste, extrovertido ou tímido, frustrado ou feliz; como ele reage às situações adversas que aparecem no caminho; se tem senso de humor ou é sério; se corre atrás do que quer ou é acomodado; se tem ataques de fúria ou guarda seus ressentimentos. Essas características serão reveladas ao público através de suas ações durante a história, mas precisam estar muito bem definidas logo no início e precisam causar uma identificação do público, um reconhecimento de que essa pessoa poderia realmente existir, e provavelmente existe em algum lugar. “Sem um herói com quem possa se identificar, raiz para envolvimento emocional, uma audiência pode até assistir um filme, mas nunca o experimentará emocionalmente.” (HAUGE, 2015, p.2)

De acordo com Forster (2005), essa construção completa e tridimensional da personalidade diferencia dois tipos de personagens: rasos e redondos: “Personagens rasos... são chamados, por vezes, de tipos e, por outras vezes, de caricaturas. Em sua forma mais pura, são construídos ao redor de uma única ideia ou qualidade...” (FORSTER, 2005, p.35). Um tipo seria uma espécie de estereótipo, um personagem que representa uma visão generalizada de algo como “o homem atrás do balcão ou a tia que encontramos apenas nos almoços de Natal” (CAMPOS, 2007, p.112). Uma caricatura é um tipo levado ao extremo.

Segundo Campos (2007), o tipo funciona quando o foco da história é o coletivo e não se quer desviar o foco para um personagem principal. Para Forster (2005), personagens rasos funcionam melhor quando são cômicos e “um personagem raso que seja sério ou trágico, está inclinado a ser uma chatice” (FORSTER, 2005, p.38). “Personagens rasos têm como vantagem serem facilmente

reconhecidos pelo olhar emocional do leitor...” (FORSTER, 2005, p.35), além de serem facilmente lembrados após o fim da obra, pois apenas passeiam pelas circunstâncias, sem sofrerem mudanças, fato que traz conforto ao leitor (FORSTER, 2005, p.36).

A quantidade de nuances da personalidade de um personagem é que vai torná-lo redondo, verossímil e capaz de ter um perfil traçado pelo espectador a partir de suas ações. “Uma vez revelados, os traços de perfil devem ser tomados como atributos do personagem e só podem ser mudados se o personagem passar por processo de mudança – processo esse que deverá ser mostrado para o espectador” (CAMPOS, 2007, p.127). Para Forster (2005), uma forma de diferenciar os dois tipos de personagem, é avaliar se eles são capazes de surpreender de forma convincente. “Se ele nunca surpreender, é raso. Se não convencer, é um raso fingindo ser redondo” (FORSTER, 2005, p.41). Se um personagem é mau, e raso, ele será sempre mau. Se um personagem redondo é uma pessoa essencialmente má, ele pode ter atitudes diferentes das esperadas, de acordo com outros aspectos de sua personalidade, como, por exemplo, a vontade de pertencer a um determinado grupo ou ambiente. Mas, para convencer, é necessário que o público identifique nele essas nuances, essas camadas em sua personalidade.

Quando o personagem estiver construído, passa-se para a construção do arco dramático, a história em si, com começo, meio e fim, também chamada por Field (2001) de paradigma.

Para que a história se desenvolva, devem ocorrer fatos que levem o personagem à ação, sempre de acordo com seu desejo, ou necessidade, e com as características de comportamento que fazem parte dele. Esses fatos são definidos por Field (2001) como pontos de virada e, segundo o autor, podem ocorrer durante toda a história, mas precisam existir em pelo menos dois pontos no enredo. O primeiro vem logo após a apresentação do personagem e é um evento que muda o rumo da história e leva à fase de confrontação, na qual ele vai em busca de sua necessidade dramática. O segundo ponto de virada acontece quase no final do roteiro, trazendo a resolução da história.

Entre esses dois pontos, estão os obstáculos a serem enfrentados, que trazem a tensão dramática da história, também chamada de conflito. Para Field (2001), “é responsabilidade do escritor gerar conflito suficiente para manter o público, ou o leitor, interessado...” (FIELD, 2001, p.25). Para Hauge (2015), o conflito

é o que torna a história emocionante: “Se desejo é a força que leva sua história adiante, conflito é o elemento que extrairá emoção da audiência” (HAUGE, 2015, p.3).

Enquanto para os outros autores, o conflito leva diretamente à ação, para Hauge, há um quarto elemento na construção do enredo, que está entre o conflito e a ação: a coragem.

Para o leitor verdadeiramente se preocupar com o enredo e o personagem, o herói deve ser forçado a arriscar tudo o que ele estima e colocar a própria vida em risco. Se ele não estiver morto de medo enquanto luta para alcançar seus objetivos, então o conflito não é grande o bastante, e a audiência estará assistindo o filme em lugar de o sentindo. (HAUGE, 2015, p.4-5)

Introdução aos personagens do estudo de caso

Dexter Morgan (Dexter, 2006-2013): Dexter é um perito em padrões de espirro de sangue, que trabalha no setor de Criminalística do Departamento de Homicídios da Polícia de Miami. Sua irmã de criação, Debra, trabalha no setor de Narcóticos, disfarçada de prostituta e sonha em virar detetive no Departamento de Homicídios. O pai biológico de Debra, Harry, era policial e tanto ela quanto o irmão de criação, Dexter, acabaram seguindo os passos do pai.

Dexter tem uma namorada, com quem ele tem uma relação pouco íntima, graças ao histórico de violência doméstica sofrido por ela. Isso atrai Dexter, pois ele tem dificuldade em se relacionar intimamente com as mulheres. Apesar disso, ele lida bem com os filhos dela, que o adoram.

Dexter tem plena noção de que não é um homem comum. Logo no início do seriado, ele se apresenta como o detentor de um “passageiro sombrio”, que o obriga a obedecer a instintos assassinos, como uma necessidade fisiológica. Porém, Dexter demonstra ter um código de ética, baseado nos ensinamentos de Harry, que percebeu o desvio de conduta do filho de criação e o ensinou a canalizar seu instinto para tirar das ruas criminosos hediondos. Com o acesso aos arquivos da Polícia, Dexter se aproveita do baixo índice de resolução dos homicídios da cidade para perseguir e matar pedófilos, estupradores e assassinos em série, sempre confirmando as autorias dos crimes, para não cometer injustiças.

Inteligente e observador, Dexter se diz incapaz de sentir algo pelas pessoas, mas é extremamente capaz de fingir os sentimentos necessários para ser aceito na

sociedade. Seus colegas de trabalho o adoram e sua irmã o considera seu porto seguro.

A história de Dexter é apresentada no decorrer da primeira temporada, quando um assassino em série começa um jogo de gato e rato, deixando-o fascinado e ao mesmo tempo perturbado.

Eduardo Borges (Dupla Identidade, 2014-): Edu é um jovem bonito e simpático, formado em Direito e estudante de Psicologia. Com o intuito de crescer politicamente, consegue se inserir na campanha pela reeleição do senador Oto Veiga, quando propõe que o senador levante a bandeira da violência sofrida pelas mulheres, aproveitando a onda de assassinatos que ocorre na cidade. Os assassinatos são cometidos pelo próprio Edu, que finge estar machucado e pede ajuda a mulheres na rua, à noite, para poder sequestrá-las. Edu gosta de ver o sofrimento de suas vítimas antes de matá-las e, além de causar dor física, gosta de torturá-las psicologicamente.

No início da série, Edu vira suspeito dos crimes e o nome do senador é envolvido. Quando Edu consegue se livrar das acusações, o senador exige que Dias, o delegado que quer se tornar secretário de segurança, o contrate como estagiário. Em seu estágio na polícia, Edu se aproxima de Vera, uma psicóloga forense especialista em traçar o perfil de assassinos em série. Ao ter acesso à investigação dos seus próprios crimes, Edu está sempre um passo à frente da Polícia.

Além de trabalhar na equipe do senador Oto Veiga e estagiar na polícia, Edu é voluntário no GAV – Grupo de Apoio à Vida – que presta atendimento telefônico de ajuda a pessoas depressivas. O serviço de apoio o ajuda a entender melhor os sentimentos das outras pessoas e acaba lhe dando, também, uma fonte para buscar novas vítimas.

Em seu tempo livre, ele namora Ray, uma moça independente, que cria sozinha a filha, mas que tem sérios problemas de autoestima e de instabilidade emocional. Ray é apaixonada por Edu, que a manipula como quer, piorando seu estado psicológico precário. A filha dela, Larissa, se dá bem com o namorado da mãe.

Norman Bates (Psicose, 1960): Norman é apresentado, no filme Psicose

(1960), como um homem jovem e simpático, aparentemente inofensivo e tímido, que possui um motel de beira de estrada. Mora com a mãe, em uma casa, na mesma propriedade onde fica o hotel. Ao receber a hóspede Marion Crane, decide chamá-la para jantar, pois está chovendo, mas isso causa um grande conflito com a mãe, que desconfia das intenções do filho. Apesar de a mãe não aparecer em cena, a discussão é ouvida por Marion.

Norman fala para Marion que a mãe está alterada e conta que tem como hobby a taxidermia, que o ajuda a preencher o tempo livre. Se mostra uma pessoa solitária e afirma que o melhor amigo de um garoto é a própria mãe. Apesar de querer amaldiçoá-la e deixá-la, não tem coragem, pois ela sempre cuidou dele. Sente a necessidade de suprir o papel deixado pelo pai e pelo padrasto, ambos já falecidos, mas se diz incapaz de suprir o papel de amante.

Na cena clássica do filme *Psicose*, a mãe de Norman aparece – nas sombras – esfaqueando a hóspede, no que parece ser um ataque de ciúmes, após Norman espiá-la pelo buraco da parede. Mais tarde, descobre-se que a mãe dele já está morta há muito tempo e que Norman cultivava uma espécie de dupla personalidade, em que incorpora o papel da própria mãe, como uma personalidade violenta, forte e sagaz, em contraste com a própria personalidade, retraída, insegura e prestativa.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Tipo de pesquisa

Para alcançar o objetivo proposto pretende-se realizar uma análise de dados secundários por meio da técnica de observação.

A pesquisa de observação envolve a observação e o registro sistemáticos dos padrões comportamentais de objetos, pessoas, eventos e outros fenômenos. A observação é utilizada para coletar dados sobre comportamentos reais, ao contrário dos levantamentos, nos quais os respondentes podem fornecer informações incorretas sobre seus comportamentos. Os métodos observacionais requerem dois elementos: um comportamento ou evento observável e um sistema para registrá-lo. (HAIR, 2014, p.97)

Para isso, serão analisados materiais audiovisuais do filme e das séries que apresentam os três personagens selecionados para este estudo. A técnica científica

de observação descritiva terá uma abordagem qualitativa, a fim de identificar características e comportamentos destes personagens, para determinar sua profundidade e sua proximidade com os traços de psicopatia abordados neste artigo.

Fazem parte da **população** deste estudo todos os personagens da TV e do Cinema que têm características de psicopatas. Contudo, como **amostra** para este estudo, foram selecionados três personagens, compondo assim uma amostra não probabilística por julgamento: Dexter Morgan (Dexter), Eduardo Borges (Dupla Identidade) e Norman Bates (Psicose).

Os **dados foram coletados** considerando os critérios de construção do personagem, ou seja, os elementos apresentados durante a narrativa, que fazem de cada um deles raso ou profundo e que podem justificar, ou não, seu comportamento, de acordo com a forma em que são apresentadas.

São características pessoais e psicológicas de cada um deles: histórico familiar, relações interpessoais, o personagem e o ambiente em que ele está inserido e o gatilho que leva à psicopatia, segundo a história.

Durante essa análise, foram observados os aspectos da psicopatia apresentados por Hare (2009) e Silva (2008), de acordo com a sua existência, ou não, na construção desses personagens.

Tratamento e análise dos dados

A análise foi feita por personagem, de acordo com os critérios nos quais ele se encaixa e na complexidade de características pessoais expressas no seriado.

Limitações da pesquisa

Devido ao caráter exploratório da pesquisa, baseada na construção de três personagens específicos, os resultados não devem ser generalizados para outros casos da TV e do Cinema.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Dexter, um assassino quase humano

“My name is Dexter. Dexter Morgan. I don't know what made me the way I am, but whatever it was left a...hollow place inside. People fake a lot of human interactions, but I feel like I've faked them all and I fake them very well. And that's my burden, I guess.” Dexter Morgan (DEXTER, ep. 01)

Dexter é um assassino bonzinho. Não tem nenhum sentimento profundo, não sente empatia, é altamente loquaz e capaz de manipular. Vive uma vida mentirosa, inventada para se encaixar na sociedade e passa boa parte do seu tempo tentando entender como funcionam os sentimentos das pessoas e como fazer para imitá-los. Porém, não tenta se parecer com as pessoas à sua volta apenas por uma questão de sobrevivência, mas porque gostaria de ser como os outros. Gostaria de não ter um instinto assassino e gostaria de amar sua irmã Debra como ela o ama. Gostaria de não ter o que ele chama de “passageiro sombrio”, uma necessidade fisiológica de matar e que o torna diferente das pessoas admiradas por ele.

Os dias de Dexter começam como um exercício claro e contínuo de suas habilidades de manipulação: distribuir rosquinhas aos colegas de trabalho, que o admiram e o consideram uma pessoa extremamente agradável.



Ilustração 1: Dexter conquista os colegas distribuindo rosquinhas.

Há apenas um detetive na Divisão de Homicídios que desconfia haver algo errado com Dexter: James Doakes. Mas o problema é resolvido ao sacrificar o



Ilustração 2: Dexter se livra de Doakes e o usa para não ser descoberto. detetive e usá-lo como bode expiatório para uma série de assassinatos cometidos pelo próprio Dexter, quando Doakes desconfia que ele seja o assassino.

Dexter começa a primeira temporada como um homem sem passado. Foi adotado quando criança e criado por um policial muito amoroso, pai biológico de Debra. Seu fascínio por sangue, uma das razões para escolher trabalhar na perícia em Miami, o atrai para uma série de crimes cometidos por um desconhecido, que deixa suas vítimas em lugares públicos, sem nenhuma gota para contar história. Ou seja, além de ficar impressionado com a habilidade do serial killer, Dexter é excluído da investigação, pois não há nada a ser investigado por ele, já que sua especialidade é analisar padrões de borrifo de sangue em cenas de crime.



Ilustração 3: A primeira vítima do Ice Truck Killer, sem sangue no corpo.

Apesar de ser deixado de lado na investigação, Dexter se sente tentado a descobrir o assassino e, com a desculpa de ajudar a irmã a ser promovida, começa a investigar por conta própria. Ao encontrar um caminhão frigorífico, igual ao que Debra procura, tem a cabeça da vítima arremessada em seu para-brisa, passando assim a fazer parte da investigação. Pelo menos essa é a primeira ligação oficial que justifica seu envolvimento no caso. Pois, ao chegar em casa, Dexter encontra a uma



Ilustração 4: Dexter encontra boneca imitando a vítima, em seu freezer.

boneca desmembrada, dentro do freezer de sua cozinha, que representa a vítima. Isso indica que, para o assassino, há uma conexão ainda maior, que precisa ser desvendada, como em um jogo.

À medida que a história da primeira temporada evolui, a irmã de Dexter se envolve com um protético, que acaba desmascarado, não só como o vilão da temporada, chamado de Ice Truck Killer, mas também como o irmão biológico de Dexter, Brian Moser. A partir daí, fica clara a explicação dos autores da série para o transtorno do personagem principal: o passado vivido por ele, antes de ser adotado. Dexter e o irmão biológico viram a mãe ser assassinada quando ainda eram pequenos. No enredo do seriado, esse trauma influenciou negativamente as duas crianças, despertando instintos assassinos nos dois.



Ilustração 5: Dexter e Brian Moser são resgatados após o assassinato da mãe.

A diferença entre os ambientes de criação de Dexter e de Brian seria o motivo pelo qual cada um usa seu instinto de uma forma diferente. Brian vira um assassino inescrupuloso, mas Dexter tem sua psicopatia descoberta pelo pai de criação, Harry, que identifica nele os problemas de conduta precoce inerentes aos psicopatas. Harry ensina o filho a usar seu instinto assassino com princípios, por uma boa causa, e é mostrado durante o seriado exercendo o papel de consciência de Dexter. Apesar de já estar morto, ele atua como uma força externa que ajuda o filho a controlar suas necessidades e a direcionar seu comportamento assassino.



Ilustração 6: Harry, pai de criação e consciência de Harry.

Ao se deparar com sua verdadeira história, Dexter fica dividido entre a curiosidade pelo irmão biológico, Brian, e o instinto de proteção à irmã de criação, Debra. Ao ver a vida de Debra ameaçada, Dexter decide pôr fim à vida do irmão biológico, tão parecido com ele na essência, porém muito distante do código de conduta com o qual conviveu a vida inteira. Após matar o irmão, Dexter passa por um período em que se sente perturbado e não consegue matar, o que mostra que as lembranças do passado o afetaram.



Ilustração 7: Dexter impede Brian de matar Debra.

Um dos aspectos que torna Dexter um personagem profundo e bem construído, é justamente o conjunto de princípios seguidos por ele na hora de obedecer seu instinto assassino. Como foi adotado por um policial, um homem de bem e com conhecimento de criminosos, Dexter teve a chance de ter seu transtorno reconhecido pelo pai, logo no início da adolescência, e foi treinado para canalizar sua energia para o bem e de cometer seus crimes com o maior cuidado possível, para não ser descoberto. Com acesso aos arquivos da polícia, busca por crimes não solucionados, os soluciona secretamente e dá o troco em seus autores, “limpando” as ruas de Miami. No primeiro episódio, ao matar um pedófilo, após desenterrar cada uma de suas vítimas para expô-lo à verdade nua e crua, Dexter deixa clara a diferença entre ele e os outros assassinos em série, dizendo à sua vítima que seria incapaz de matar crianças.

A ambiguidade presente em Dexter não fica evidente apenas em sua relação com o código de conduta instituído pelo pai adotivo, mas em pequenas pistas dadas ao longo do seriado, que indicam haver algo de humano dentro da mente assassina. Dexter sofre, à sua maneira, por não ser capaz de amar sua irmã. Com o passar das temporadas, o personagem parece desenvolver uma pequena, porém presente, capacidade de sentir algo verdadeiro por ela. A relação dos dois se mostra mais profunda do que apenas fruto de um convívio no dia a dia. No momento em que Debra descobre a verdade sobre o irmão, isso a afeta profundamente e a mudança nela também o afeta. Um possível amor não-fraternal entre os dois chega a ser insinuado nas temporadas finais.



Ilustração 8: Debra descobre a verdade sobre Dexter.

No decorrer do seriado, Dexter se mostra capaz de amar, não apenas a irmã, mas também o filho, fruto do seu relacionamento com a namorada problemática, Rita. Harrison, batizado em homenagem ao avô paterno, fica órfão quando um dos algozes de Dexter encontra sua casa e assassina Rita brutalmente. A cena em que pai e filho se encontram remete à cena do assassinato da mãe de Dexter, onde tudo começou. O desespero de Dexter ao pegar o filho e a culpa que sente ao ver a história se repetindo indicam que, de alguma forma, o personagem descobriu dentro de si um sentimento genuíno, ao ser pai. Se não um sentimento de amor e culpa, ao menos um senso de responsabilidade pelo futuro de Harrison e um medo de que o filho siga seus passos e sofra, como ele, ao ser diferente. A culpa sentida por ele é tão grande, que ele chega a dizer à polícia que é o culpado pelo assassinato de Rita e quase vai preso.

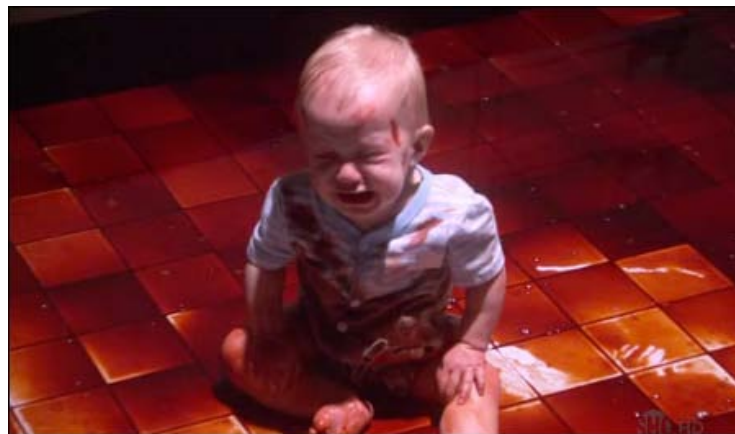


Ilustração 9: Harrison é encontrado por Dexter, na poça do sangue de Rita.

Ao longo da trama, outros sentimentos do serial killer são esboçados em suas relações pessoais. Por exemplo, ao conhecer Hannah, uma assassina fria como ele, que causa uma identificação tão grande em Dexter, que ele não consegue se afastar. Quando Debra ameaça a liberdade de Hannah, ela decide eliminar a policial e a sequestra. Nessa hora, vemos Dexter dividido entre a irmã que tanto admira e sua alma gêmea, finalmente encontrada. No fim das contas, os laços familiares vencem mais uma vez e Dexter contribui com a prisão de Hannah, para salvar Debra. Tempos depois, Hannah retorna para se vingar, mas os dois se envolvem novamente e Hannah acaba virando uma espécie de mãe adotiva para Harrison.

No episódio final da série, o que parece resolver a história é justamente o amor presente em Dexter, em um desfecho condizente com os sentimentos desenvolvidos pelo personagem. Pronto para fugir com Hannah e Harrison, Dexter

descobre que Debra foi baleada e vai até o hospital. Ao vê-la ligada a aparelhos e sabendo da chegada eminente de um tornado, Dexter desliga seus aparelhos e diz amá-la, tirando a irmã de lá. Dexter leva o corpo de Debra, para o centro do tornado, a despeja no mar, como fazia com suas vítimas. Dexter é dado como morto, após ter seu barco encontrado no dia seguinte, destruído. Apesar de não estar morto, ele deixa as coisas como estão.

O balanço final da história é que Dexter deixa o filho ser criado por alguém muito parecido com ele e em quem ele confia, mas sem correr o risco de ter sua vida destruída por uma possível descoberta dos crimes do pai. Isso demonstra um sentimento paterno de proteção, dentro dos padrões esperados do personagem.



Ilustração 10: Hannah cuida de Harrison, após a suposta morte de Dexter.

Além disso, mais uma vez fica claro que Dexter desenvolveu, ao longo do tempo, sentimentos pela irmã de criação e fechou seu ciclo de assassinatos em Miami, dando a Debra o mesmo final ritualístico que ele dava a suas vítimas. Ou seja, Dexter enxerga Debra como uma de suas vítimas, o que demonstra que, com o tempo, se tornou capaz de sentir também remorso.



Ilustração 11: Dexter despeja o corpo de Debra no mar, em seu último ritual em Miami.

Edu, um jovem encantador e perigoso

Ele não é uma personagem feita para gostar dele, mas quando eu vejo que os serial killers da vida real têm fãs até hoje, que fazem páginas de amor para eles na internet, é tão difícil você prever a cabeça humana que eu não sei... Eu não o construí para ser amado, mas... (PEREZ, Glória, 2014, ep. 04)

Eduardo Borges foi construído pela escritora brasileira Glória Perez, que achava que era necessário haver um personagem com esse tipo de comportamento na televisão brasileira (PEREZ, Glória, 2014, ep. 01). Segundo a autora, a pesquisa para desenvolvê-lo foi extensa, contando com a ajuda de diversos profissionais forenses, para traçar um perfil que fosse uma mistura dos psicopatas e *serial killers* mais famosos da história.

Edu, como é chamado na série, é um assassino cruel, que gosta de ver suas vítimas sofrendo antes de morrer. No início da série, aparece como o autor de uma série de assassinatos que estão aterrorizando a cidade de Brasília, em época de eleições. Ao mesmo tempo em que comete os assassinatos, Edu consegue se infiltrar na campanha de um dos senadores e manipulá-lo, fazendo com que ele o indique para trabalhar como estagiário na polícia. Com isso, Edu consegue se aproxima da investigação de seus próprios crimes, entrando num jogo que o entretém, ficando sempre um passo à frente dos investigadores. Em um dos episódios, Edu chega a enviar uma carta aos investigadores, dizendo que eles pegaram o homem errado e se diverte vendo suas reações, orgulhoso de sua capacidade de manipulação.



Ilustração 12: Edu se apresenta à polícia para iniciar seu estágio.

Para conseguir raptar suas vítimas, Edu usa diferentes táticas, comparadas, no final da temporada, às técnicas de assassinos reais como Ted Bundy e o BTK, de São Francisco. Além disso, usa a linha de apoio a suicidas na qual é voluntário, para conhecer Cassiana, que acaba seduzindo e matando.



Ilustração 13: Após confiar em Edu através da linha de apoio, Cassiana acaba morta.

Edu é muito inteligente e egocêntrico, se encaixando na maioria dos traços de personalidade enumerados por Hare (1991) em sua escala. É encantador, manipulador, vive uma vida baseada em mentiras e não é capaz de se envolver emocionalmente, apesar de fingir muito bem suas emoções, devido à sua grande capacidade de manipulação e habilidade com as mentiras. No início da série, mata o amigo Ivan para salvar o senador de um escândalo e conseguir o respeito dele. Além de escapar impune, Edu é capaz de fazer um discurso emocionado no velório do amigo e chorar sua morte junto à família.



Ilustração 14: Edu faz discurso emocionado no enterro do amigo, morto por ele.

Edu é impulsivo e descontrolado, tem rompantes de raiva quando contrariado, porém consegue voltar ao normal rapidamente, fingindo arrependimento. Seu relacionamento com Ray, uma jovem com sérios problemas de auto-estima, ilustra

muito bem as características de Edu. Os dois se conhecem na praia e ele vê nela uma pessoa emocionalmente frágil, fácil de manipular. Os dois se envolvem, ele conquista a filha de Ray, que o adora e faz para a namorada diversas declarações de amor, nas quais ela acredita cegamente.



Ilustração 15: Edu conhece Ray na praia.

Como é altamente egocêntrico, Edu simplesmente deixa de aparecer em encontros marcados com a namorada, em diversas ocasiões diferentes, por estar ocupado seguindo seus instintos e perseguindo suas vítimas. Em um desses encontros, Ray o espera para o que seria seu jantar de noivado. Arrasada pela atitude do namorado, Ray chega a cortar os pulsos e ser levada ao hospital pela vizinha, que tenta convencê-la a largar Edu. Porém, ao se encontrarem novamente, Edu convence a garota de que estava muito ocupado trabalhando nas investigações da polícia e que não fez por mal. Ela, carente, cede e perdoa, se sentindo culpada por tê-lo cobrado.



Ilustração 16: Ray se corta com garfo após esperar em vão por Edu.

Ray enxerga Edu como um homem bem-sucedido, engraçado e chique, bom para a filha dela, um homem de futuro. Porém, perto do meio da temporada, alertada pela amiga após achar o gesso falso usado por Edu para atrair as vítimas, Ray chega a denunciá-lo, mas se arrepende após ser manipulada novamente pelo namorado. No episódio em que encontra o gesso, Ray está conhecendo a casa do namorado e fala sobre a grande quantidade de roupas caras no armário dele, perguntando se ele rouba para ter tantas coisas valiosas. Edu tem um acesso de raiva e se torna extremamente agressivo, mas rapidamente consegue se controlar e acalmar a namorada.

Já em seu estágio na polícia, Edu é um pouco mais cuidadoso, pois convive diariamente com a psicóloga forense Vera, especialista em traçar o perfil de assassinos em série. Edu usa a relação profissional para se fazer de aluno dedicado e entender como Vera busca pistas dele, aprendendo a pensar como a polícia e a esconder seus rastros.



Ilustração 17: Vera ensina Edu a entender a mente de um assassino.

No final da temporada, Edu é desmascarado pela polícia ao se envolver com Tati, a filha do delegado Dias, encarregado da investigação. Para tentar se safar, ele deixa com a garota uma mochila, contendo a cabeça de uma de suas vítimas. Ao ouvir as escutas do celular de Edu, Dias vai atrás da filha e acaba descobrindo a cabeça, além de encontrar outras pistas na casa do assassino. Edu é preso, mas consegue fugir ao fazer Vera de refém.



Ilustração 18: Edu faz Vera de refém.

Edu chega a ter uma primeira audiência, na qual é acusado de um dos crimes, mas consegue manipular a opinião pública a seu favor e convencer a todos de que as provas foram plantadas. Nesse ínterim, Vera descobre que ele é procurado pelo FBI e Edu acaba sendo deportado para os Estados Unidos antes de ser julgado no Brasil.



Ilustração 19: Edu é deportado para ser julgado nos Estados Unidos.

Apesar de ter a maioria dos traços de personalidades citados na escala de Hare (1991), não fica claro para o público como foi o passado ou qual a história do personagem. A série mostra sua vida no momento em que já está cursando a segunda faculdade, já é habilidoso nas relações sociais e nos crimes que comete. Porém, se a análise for feita do ponto de vista da complexidade da sua construção, não há elementos mais profundos a serem analisados, como família ou traumas.

Não há uma explicação da existência ou não de um gatilho para o seu comportamento ou de quando apareceram os primeiros traços do distúrbio de personalidade em Edu. Ao que tudo indica, sua construção se baseia na explicação de que o desejo de matar é uma tendência genética. “O psicopata não tem nada de emocional. É um defeito cerebral e não é porque ele foi abusado na infância” (MORANA, Hilda, 2014, ep.02).

Norman, um homem em conflito

“A boy's best friend is his mother.” Norman Bates (PSICOSE, 1960)

À primeira vista, Norman é um rapaz simpático e prestativo. Parece tímido e inseguro, mas se abre rapidamente com Marion Crane, a bela hóspede que chega ao Motel. Em pouco tempo de conversa, Norman convida Marion para jantar em sua casa, que fica na mesma propriedade do hotel, mas o plano não dá certo devido à resistência de sua mãe, que acha que ele tem segundas intenções. A conversa entre mãe e filho não aparece em cena, mas o público acompanha a discussão ao lado de Marion, através da janela da casa. Durante a briga, Norman justifica o convite dizendo que a moça está com fome e que está chovendo muito, mas a mãe não ouve e o chama de repugnante. Ao voltar para o Motel, Norman diz que a mãe está alterada e tenta levar a hóspede para o escritório e, posteriormente, para um pequeno quarto nos fundos. Apesar disso, os dois apenas conversam.



Ilustração 20: Norman serve jantar para Marion.

O diálogo entre os dois revela quem é o personagem: um jovem sem amigos, que preenche o tempo praticando a taxidermia e cuja melhor amiga é a mãe, apesar de ter uma relação complicada com ela. Segundo ele, cada ser humano tem uma armadilha da qual não consegue se desvencilhar e a sua é a própria mãe. Norman tem vontade de amaldiçoá-la, desafiá-la ou simplesmente ir embora, mas não tem coragem pois ela está doente e sempre cuidou dele. Norman é a única companhia que ela tem na vida, pois perdeu o marido e também o amante, que a convenceu a comprar o Motel. O rapaz diz amá-la, mas odeia o que ela se tornou. Não consegue deixá-la, mas sente que sua companhia não é suficiente, já que não pode suprir o papel de amante, deixado pelo pai e pelo padrasto.

Apesar da possessividade e da agressividade da mãe, Norman a considera inofensiva. Ele fica ofendido quando Marion sugere interná-la, dando a impressão de ter algum trauma em relação a manicômios. Admite que já considerou a possibilidade, mas que o comportamento da mãe é puramente humano e que sente culpa ao pensar nisso.



Ilustração 21: Norman e Marion conversam no escritório dele.

Fica claro na conversa que existe uma relação de dependência psicológica muito forte de Norman com a mãe. O que vem a seguir, na história, mostra uma relação muito mais complexa.

Após a conversa entre o jovem e a hóspede, ela se recolhe ao quarto e ele a espia através de um buraco na parede. O personagem já parecia sentir-se impressionado pela moça desde o primeiro contato e, neste momento, como que tentando segurar seus instintos, decide sair do motel e voltar para a casa onde a mãe está. A seguir, é apresentada a cena que ficou famosa na história do cinema,

na qual Marion toma banho e alguém aparece com uma faca, por trás da cortina, e a mata violentamente.



Ilustração 22: Marion é atacada no banho.

A cena deixa a impressão de ter sido a mãe a assassina, em um ataque de ciúmes do filho. Na sequência, ele aparece e limpa o sangue, que o deixa repugnado. Após se desfazer do corpo, para proteger a mãe, Norman recebe a visita de um policial, que está em busca da hóspede e insinua que ela fez o rapaz de bobo. Neste momento, aparece um novo aspecto da relação dele com a mãe, pois Norman afirma, primeiramente, que ninguém o faz de bobo, mas em seguida admite que pode ter sido enganado. Porém, sua mãe não é enganada facilmente.

Traça-se aqui um contraste entre a personalidade dele – bobo, inseguro, retraído – e a da mãe – forte, esperta e explosiva. O detetive recebe uma negativa ao pedir para falar com a mãe e, posteriormente, descobre que ela já está morta há muito tempo, pois Norman cultiva sua ossada como se fosse a presença viva dela. Ele explica que a mãe e o padrasto morreram envenenados, após ela descobrir que o namorado tinha uma amante, o que sugere que ela o teria matado.



Ilustração 23: Corpo da mãe de Norman é encontrado pela polícia.

No final do filme, Norman é preso e o público recebe de um dos personagens, um psiquiatra forense, a explicação de toda a história. Segundo ele, a dependência psicológica entre Norman e a mãe era tão grande que ele absorveu sua personalidade quando ela morreu, passando a ter um tipo de distúrbio de personalidade múltipla. Norman já era um garoto perturbado desde a época em que o pai morreu e a mãe era muito exigente com ele. Mãe e filho viviam como se não existisse mais ninguém no mundo. Quando ela conheceu outro homem, deixou o filho de lado, o que despertou nele uma fúria, que o fez matar o casal. Depois disso, para enganar a própria mente em relação à morte da mãe, Norman guardou seu corpo no sótão e passou a cuidar dela e a dar vida a ela, falando e pensando numa espécie de atuação entre quatro paredes. Para o psiquiatra, Norman nunca esteve sozinho. Em todos os momentos, estava com a mãe ou apenas ela existia dentro da mente dele. No momento em que o discurso do psiquiatra acontece, Norman já deixou de existir, restando apenas a personalidade da mãe.



Ilustração 24: Norman assume a personalidade da mãe.

Em todo o tempo em que Norman conviveu com a mãe morta, ele deu a ela traços de personalidade que ele acreditava que eram dela, mas que refletiam suas próprias fraquezas. Por exemplo, ao ver Norman envolvido com uma mulher, a “metade mãe” enlouquecia de ciúmes. Nos momentos em que seu instinto assassino aflorava, Norman atribuía a violência à mãe, que era a personalidade forte e dominante da relação, enquanto preservava sua imagem de filho protegido e inofensivo. Com o passar do tempo, a personalidade mais forte, a dela, foi dominando a mente dele até finalmente eliminá-lo. No final, a mãe, já plenamente

incorporada à mente do filho, diz que a culpa é dele, pois era fraco, o que mostra mais uma vez como ele se sentia visto por ela.

Quando analisado de acordo com os traços típicos de um psicopata, é necessário considerar que Norman atribuiu à personalidade da mãe o seu lado negro, violento, preservando sua inocência e bondade. Não se enxergando como o criminoso da dupla, ele se eximia de sentir qualquer tipo de remorso, projetando a culpa em uma outra figura, que não era a dele. A incapacidade de aceitar a responsabilidade pelos próprios atos, a falta de controle comportamental e a vida baseada em mentiras são traços típicos de psicopatia, enumerados por Hare (1991).

Os problemas de conduta precoce, citados pelo psiquiatra do filme, o comportamento sexual transviado, demonstrado na relação doentia que Norman sentia ter com a mãe, além da impulsividade, também são características encontradas na lista de Hare (1991). Todos esses aspectos apontam para uma personalidade psicopata, construída pelo autor ALFRED HITCHCOCK, através de uma relação doentia entre mãe e filho, que existe tanto na mistura dos dois quanto na existência isolada do rapaz.

INFERÊNCIAS

Apesar de ter os traços clássicos de psicopatia e ser um assassino em série cruel, o protagonista de DEXTER (2006-2013) – personagem de mesmo nome - apresenta laços afetivos comuns, como uma irmã que o ama, uma mulher que se sente amparada e protegida por ele, um filho que o vê como um bom homem e amigos que gostam da sua companhia. O arco dramático parece despertar sentimentos que suavizam o seu lado negro e o próprio desejo de ser uma pessoa normal o torna mais humano aos olhos do público.

O estilo de narrativa intimista, na qual Dexter narra seus passos para o público, dá uma sensação de cumplicidade a quem está assistindo e, mesmo considerando que o personagem seria desprovido de sentimentos, é difícil não imaginar sua dor e sofrer com ele, à medida que os acontecimentos vão tornando sua vida mais difícil. No fim das contas, quem torna Dexter um personagem mais humano é o público, que sente por ele as dores de suas perdas e que passa a acreditar que, apesar do seu “passageiro sombrio”, existe também um Dexter amoroso, resquício da criança que deixou de existir, ao presenciar a morte da mãe,

e que parece ter sido resgatado ao longo do tempo, no decorrer de suas relações com as pessoas que o amavam.

Já Edu Borges (DUPLA IDENTIDADE, 2014), foi construído com uma precisão exata que remete aos criminosos mais famosos da história e teve todas as suas características muito bem pensadas para se tornar um personagem verossímil. Apesar de ser cruel e ardiloso e de não ter a biografia, citada por Field (2001) como um ponto de partida, Edu possui o desejo, a necessidade que o impulsiona a agir. Tem um ponto de vista, uma personalidade própria e consistente, e uma construção tridimensional que o torna profundo e redondo. Talvez a aceitação do público em relação a um personagem tão cruel e parecido com os temidos criminosos da vida real, tenha sido pela capacidade de envolvimento do personagem e pela boa aparência do ator Bruno Gagliasso. Ou, talvez seja o fato de termos a romantização dos psicopatas na ficção, conforme destacou Castro (2013).

E, por último, Norman Bates, um personagem apresentado em 1960 e que foi revivido em um seriado (BATES MOTEL, 2013-), mais de 50 anos depois, para contar como foi construída sua personalidade e como se desenvolveu sua loucura. Uma mente perturbada, incapaz de assimilar a própria perversidade, e que se aproveitou do amor da própria mãe, mesmo após sua morte, para protegê-lo de sua personalidade violenta e ao mesmo tempo frágil. Um personagem complexo, com uma construção psicológica profunda, que vai do ciúme a um distúrbio de personalidade, buscando não perder sua inocência em meio ao seu comportamento cruel.

A partir do cruzamento das características dos personagens analisados, pode-se resumir suas biografias e relações sociais, no quadro a seguir:

	DEXTER	EDU BORGES	NORMAN BATES
ANO	2006-2013	2014	1960
EXIBIÇÃO	TV paga mundial	TV aberta - Brasil	Cinema
FAMÍLIA	- Mãe biológica assassinada; - Criado por pais amorosos; - Irmã com quem tem boa relação. - Filho, que desperta nele um instinto de proteção	- Não especificada	- Mãe com quem tinha uma relação muito próxima; - Mãe assassinada pelo próprio Norman, por cúmes.

TRABALHO	- Polícia de Miami	- Estágio na Polícia de Brasília - Voluntário no Grupo de Apoio à Vida	- Administrador do Motel comprado por sua mãe, em vida
AMIZADES	- Diversos amigos, apesar de não ser uma relação espontânea da parte de Dexter	- Somente as colegas do Grupo de Apoio à Vida	- Considera a mãe morta sua única e melhor amiga

CONSIDERAÇÕES

Os três personagens são apresentados de maneiras diferentes, que permitem avaliações em diferentes níveis: Dexter foi ao ar em oito temporadas, de 2006 a 2013, com veiculação em TV paga. Dupla Identidade teve apenas uma temporada até o momento, com 13 episódios, veiculada em TV aberta nacional. E Psicose é um filme de 109 minutos, lançado em 1960. Apesar das diferenças, todos têm personagens masculinos perturbados, com traços de personalidade que se encaixam nas características clássicas de psicopatia.

Além disso, de certa forma, todos os produtos audiovisuais apresentados deram sua contribuição ao mercado audiovisual, obtendo relevância no cenário em que estão incluídos. No caso de DEXTER, isso se comprova com o fato de a série ter sido renovada durante sete anos seguidos. PSICOSE, além de ter uma das cenas mais famosas da história do cinema, foi revivido, a partir de 2013, pelo seriado que conta a história prévia da relação de Norman com sua mãe. E DUPLA IDENTIDADE, apesar de não ter tido sua segunda temporada lançada até o momento, pode ser considerada uma produção inovadora, já que deu abertura a uma nova proposta de gênero para séries de TV brasileira, como já foi destacado pela própria autora, Glória Perez.

As três histórias, contadas a partir do ponto de vista negativo do enredo - ou seja, dos personagens que agem a partir de motivações criminosas e doentias - enfrentam o desafio de usar anti-heróis como protagonistas, fazendo com que o público, sendo a favor ou contra cada um deles, se torne cúmplice na observação de seus atos criminosos. As histórias rompem com o paradigma do protagonista que conquista um final feliz, pois, nos três roteiros, há uma lacuna no desfecho da história: Dexter perde tudo, em nome do anonimato para proteger Harrison; Edu tem

um final aberto e desfavorável, ao ser enviado para os Estados Unidos – deixando inclusive uma deixa para uma fuga que poderia iniciar uma segunda temporada; E Norman simplesmente deixa de existir, inundado pela personalidade de sua mãe.

Quanto à construção dos personagens, apesar das diferenças no aprofundamento do passado de cada um deles, os três personagens são muito consistentes no que diz respeito às suas necessidades e motivações, o que os torna convincentes. Quanto à psicopatia, através dessa construção complexa e quase verdadeira de cada um deles, é possível identificar em todos um conjunto de características que podem ser enquadradas nos parâmetros aqui abordados, transformando Dexter, Edu e Norman em três psicopatas de grande sucesso.

How psychopath characters construction, on TV and film, makes them attractive to the general public

ABSTRACT: Although they have a pattern of behavior conflicting with the common values of society, some characters from TV and film end up winning their viewers sympathy, because they have well-told stories and well-defined conflicts. In the case of the characters covered in this article, the presence of psychopathy traits is clear in their actions and motives, because they all end up demonstrating coolness and manipulation skills, always to their advantage. The construction of these characters takes the viewers out of their moral comfort zone and allows them to experience, as accomplices, their crimes and unacceptable behavior, when surrounded by well-written plots, compelling motivations and deep characters.

Key words: Character construction, Psychopathy, Serial killer, Cinema, Screenwriting, Television.

REFERÊNCIAS

BATES Motel. Criação: Anthony Cipriano, Carlton Cuse e Kerry Ehrin. Produção: American Genre Film Archive, Kerry Ehrin Productions, Universal Television. EUA, 2013-.

CAMPOS, Flavio de. Roteiro de cinema e televisão: A arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CASOY, Ilana. Criminóloga e escritora. Dupla identidade.doc. Direção e roteiro: Fernando Azevedo. Central Globo de Produção. Brasil, 2014. Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/webseries/Dupla-Identidade/dupla-identidade-no-ar.html> Acessado em 25 mai. 2015.

CASTRO, Giovana. Psicopatas do Cinema: Uma análise da mais perversa patologia na sétima arte. Itu, SP: FoxTablet, 2013.

DEXTER. Criação: James Manos Jr. Showtime, EUA, 2006-2013. Seriado.

DUPLA Identidade. Criação: Glória Perez. Central Globo de Produção. Brasil, 2014. Seriado.

DUPLAIDENTIDADE.DOC. Direção e roteiro: Fernando Azevedo. Central Globo de Produção. Brasil, 2014. Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/webseries/Dupla-Identidade/dupla-identidade-no-ar.html> Acessado em 25 mai. 2015.

FIELD, Syd. Manual do Roteiro. Os fundamentos do texto cinematográfico. 14. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FORSTER, E.M. Flat and Round Characters. In: Michael J Hoffman; Patrick D Murphy. Essentials of the theory of fiction. Durham, N.C.: Duke University Press, 2005.

HAIR, Joseph F.; WOLFINBARGER, Mary; ORTINAU, Dabid J.; BUSH, Robert P. Fundamentos da Pesquisa de Marketing. 3. Ed. Porto Alegre: AMGH Editora LTDA, 2014.

HARE, R.D. Manual for the Hare Psychopathy Checklist – Revised. Toronto, Multi-Health System, 1991.

HARE, Robert. Psicopatas no Divã. Veja, São Paulo, n. 2106, abr. 2009. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acessado em 05 jun. 2015.

HAUGE, Michael. Fundamentos da arte de escrever roteiros para cinema. Disponível em <http://apostilas.netsaber.com.br/apostilas/901.pdf> Acessado em 20 mai. 2015.

MORANA, Hilda. Psiquiatra Forense. Duplaidentidade.doc. Direção e roteiro: Fernando Azevedo. Central Globo de Produção. Brasil, 2014. Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/webseries/Dupla-Identidade/dupla-identidade-no-ar.html> Acessado em 25 mai. 2015.

MORANA, Hilda. Identificação do ponto de corte para a escala PCL-R (*Psychopathy Checklist Revised*) em população forense brasileira: caracterização de dois subtipos de personalidade; transtorno global e parcial. São Paulo: Faculdade de Medicina de São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, Ricardo de. Pesquisador de Neurociências do IDOR. Duplaidentidade.doc. Direção e roteiro: Fernando Azevedo. Central Globo de Produção. Brasil, 2014. Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/webseries/Dupla-Identidade/dupla-identidade-no-ar.html> Acessado em 25 mai. 2015.

PEREZ, Glória. Novelista e autora do seriado Dupla Identidade. Duplaidentidade.doc. Direção e roteiro: Fernando Azevedo. Central Globo de Produção. Brasil, 2014. Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/webseries/Dupla-Identidade/dupla-identidade-no-ar.html> Acessado em 25 mai. 2015.

PSICOSE. Direção: Alfred Hitchcock. Shamley Productions. EUA, 1960. Título original: Psycho.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Mentis Perigosas – O Psicopata mora ao lado. 1. ed. Fontanar, 2008.